

O PROGRAMA DE JESUS: *AMARRAR O FORTE SATANÁS* (Mc 3,20-30)

Irineu J. Rabuske

Introdução

O tema que nos ocupa é a atividade exorcista de Jesus. Nos evangelhos nararam-se vários episódios em que Jesus liberta pessoas da opressão de espíritos impuros, de demônios, de Satanás. À primeira vista poderia parecer que se trata de mais um aspecto da prática de Jesus. Inclusive, poder-se-ia ter a impressão de que, a rigor, isso não passa de um aspecto curioso e acessório das atividades de Jesus. Seria possível, pois, compreender Jesus de Nazaré e sua prática, mesmo sem prestar atenção à sua prática de exorcismo. Alguns manuais de Cristologia retratam isso, dedicando pouquíssimo espaço a esse tema.

Quando se começa a avaliar com mais atenção o material que se encontra nos Sinóticos, não há como evitar uma dupla surpresa: os exorcismos são parte bastante considerável da prática de Jesus e, em segundo lugar, têm importância fundamental para a compreensão de Jesus de Nazaré e sua prática.

Expulsar demônios não é atividade especificamente judaico-cristã. Na antigüidade pagã encontramos diversos personagens que se destacaram por serem peritos nisso. Talvez por isso mesmo que sempre se relegou como secundário esse aspecto na vida e na prática de Jesus. Mas, quando se começa a comparar, percebe-se que Jesus não era apenas *mais um* exorcista. Pelo contrário, dele é que mais episódios de expulsão de demônios ou espíritos impuros se narram. Não há na biografia de nenhum outro exorcista tal volume de narrativas. Justifica-se, assim, a importância do nosso tema.

Já os próprios evangelhos espelham esse papel preponderante da atividade exorcista. Em todos os três Sinóticos encontra-se a controvérsia de Belzebu (Mc 3,20-30 par.). Nos evangelhos mostra-se que os adversários queriam desmoralizar a prática de Jesus, alegando que sua atividade carecia de autenticidade, que só poderia ser possível mediante pacto com o próprio Satanás. Em Mt e Lc diz-se que essa discussão aconteceu exatamente quando Jesus tinha acabado de libertar uma pessoa possessa. Em Mc a situação é outra: alguns escribas, provenientes de Jerusalém, começam a falar mal de Jesus, que, então, os chama a si para estabelecer a discussão. Há muita probabilidade de Mc estar retratando a verdade histórica. Provavelmente a prática de Jesus já havia encontrado ressonância no sinédrio que, preocupado com a política de boa vizinhança com os romanos, não deixava de prestar atenção a qualquer novo surto de movimento popular. Por isso mesmo Mc não necessita colocar um exorcismo concreto como motivo da discussão. Jesus desde o início de sua vida pública (Mc 1,21-28; 1,34; 1,39 e

3,11) sempre está ocupado com essa tarefa. E justamente nesse aspecto é que os escribas querem atacar a imagem de Jesus junto ao público.

Poderia alguém pensar que, mesmo assim, o tema não é tão central, já que Jesus não é o único exorcista daquele tempo. O simples fato de sabermos dele mais episódios não seria motivo para dar-lhe tanto relevo. Nesse aspecto, o próprio Jesus na controvérsia de Belzebu nos dá a resposta. Trata-se de um dito que aparece apenas em Mt e Lc, que o recolheram da fonte Q. Diz Jesus: “Contudo, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus já chegou a vós” (Lc 11,20; Mt 12,28). Em Mateus Jesus diz que expulsa pelo espírito de Deus. A versão de Lc (“pelo dedo de Deus”) parece ser a mais autêntica, mas isso não é o mais decisivo. Decisivo é que Jesus diga que seus exorcismos são sinais concretos e autênticos de que o Reino de Deus irrompeu ou está irrompendo na história das pessoas. Aqui se estabelece a diferença: Jesus não é um mero profissional ou um experto em matéria de expulsão de demônios. Ele realiza essa atividade em íntima conexão com sua pregação sobre o Reino de Deus. Desse modo, essa atividade concreta está ligada ao tema que já há muito tempo tem sua centralidade reconhecida. Por isso mesmo, Jesus não realiza expulsões de demônios de qualquer jeito. Pelo contrário, existem critérios e esses são ditados pelas próprias exigências contidas na pregação a respeito do Reino de Deus. O evangelista Marcos certamente não conheceu este dito. Se o tivesse conhecido, não há como imaginar por que o tivesse ignorado ao narrar a controvérsia de Belzebu (Mc não conheceu a fonte Q).

Em Marcos, a expulsão de demônios constitui-se no programa concreto da prática de Jesus, junto com sua pregação sobre a vinda do Reino de Deus. Marcos nos transmite nada menos do que quatro narrativas sobre exorcismos. Mas, inicialmente, vejamos melhor o texto sobre a controvérsia com os fariseus.

A controvérsia de Belzebu (Mc 3,20-30)

v. 20: Ele veio para casa. O povo reuniu-se novamente a tal ponto de eles não poderem nem mesmo comer pão.

v. 21: E os seus, tendo ouvido (isso), saíram para agarrá-lo. Pois diziam que ficou fora de si.

v. 22: E os escribas que tinham descido de Jerusalém diziam: “está possuído por Belzebu e expulsa os demônios pelo (poder do) chefe dos demônios”.

v. 23: Tendo-os chamado a si, dizia-lhes em parábolas: “Como pode Satanás expulsar Satanás?”

v. 24: Se um reino se divide em si mesmo, aquele reino não pode ficar de pé.

v. 25: E se uma casa está dividida em si mesma, aquela casa não poderá ficar de pé.

v. 26: E se Satanás se levanta contra si mesmo e se divide em si mesmo, não pode ficar de pé, mas acaba.

v. 27: Mas, ninguém pode, tendo entrado na casa do forte, roubar(lhe) os seus utensílios, se não amarrar primeiro o forte, e então roubará a casa dele.

v. 28: Em verdade vos digo: todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, bem como as blasfêmias que cometerem (blasfemarem).

v. 29: Quem porém blasfemar contra o Espírito Santo, não obtém perdão nunca (para sempre), mas é réu de pecado eterno.

v. 30: Pois eles diziam: “ele tem um espírito impuro”.

Comparação sinótica

Vamos visualizar os textos da controvérsia de Belzebu: Mc 3,20-35, Mt 12,22-32 (+ 9,32-34), Lc 11,14-23 e 12,10.

<i>Mateus</i>	<i>Marcos</i>	<i>Lucas</i>
9,32-34 exorcismo		
12,22-23 exorcismo introdutório		11,14 exorcismo introdutório
	3,20-21 acusação dos familiares	
	<i>Controvérsia</i>	
12,24-30	3,22-30	11,15-23
	<i>Acusação</i>	
	v. 22c possessão	
v. 24 pacto com o demônio	v. 22d pacto com o demônio	v. 15 pacto com o demônio
	<i>A resposta de Jesus</i>	
v. 25a introdução	v. 23a introdução	v. 17a introdução
v. 25b Reino e casa divididos	v. 23b.24-25 Reino e casa divididos	v. 17b Reino e casa divididos
v. 26 satanás dividido	v. 26 satanás dividido	v. 18 satanás dividido
v. 27 Argumento <i>ad hominem</i>		v. 19 Argumento <i>ad hominem</i>
v. 28 Dito sobre o Espírito de Deus		v. 20 Dito sobre o dedo de Deus
v. 29 Dito sobre o Forte	v. 27 Dito sobre o Forte	v. 21-22 Dito sobre o Forte
v. 30 Estar a favor ou contra		v. 23 Estar a favor ou contra
v. 31-32 Pecado contra o Espírito Santo	v. 28-30 Pecado contra o Espírito Santo	12,10 Pecado contra o Espírito Santo
	<i>A família de Jesus</i>	
12,46-50	v. 31-35	8,19-21

Nosso texto, além desta versão no Evangelho de Marcos, ocorre ainda nos dois evangelhos maiores de Mateus e Lucas. Assim, para se poder perceber melhor a função deste texto em Marcos, convém compará-lo com os paralelos em Mateus e Lucas. A simples comparação com os evangelhos maiores nos faz ver que em ambos a contro-

vérsia sobre Belzebu é introduzida por um exorcismo, que ocasiona a discussão. Em Marcos não ocorre esta introdução por um exorcismo.

A acusação dos familiares

Os vv. 20-21 em si não fazem parte da controvérsia. Eles aqui estão por um procedimento redacional de Marcos. O evangelista gosta de compor em sistema de sanduíche: inicia um assunto, intercala outro assunto, para no final retomar o primeiro. Assim, o tema dos familiares de Jesus inicia aqui, é deixado de lado para dar lugar à controvérsia de Belzebu, para ser retomado nos vv. 30-35. Há no evangelho de Marcos uma série de exemplos deste procedimento redacional. Assim sendo, nossa controvérsia limita-se a Mc 3,22-30.

O motivo da controvérsia

Uma vez que a cena dos familiares de Jesus historicamente não faz parte da cena, podemos agora perguntar-nos sobre o que provocou a discussão. Conforme nosso texto, alguns escribas chegados de Jerusalém começam a difamar Jesus. Em Mateus e Lucas, que seguem uma outra tradição, proveniente da fonte Q, relata-se que Jesus tinha acabado de realizar um exorcismo, provocando com isso a reação de seus adversários. Marcos não coloca um exorcismo no início da discussão.

Por muito tempo, pensava-se que a tradição veiculada pela fonte Q fosse historicamente mais confiável e que Marcos teria simplificado a narrativa. Argumentava-se que o exorcismo inicial era praticamente uma exigência da forma literária que se convencionou denominar *apoteigma*. Na maioria dos comentários ainda se argumenta assim. A hipótese, porém, de que justamente Marcos esteja mais aderente aos fatos, deve ser levada a sério e começa a ter cada vez mais adeptos.

Já vimos na introdução que Marcos podia literariamente dispensar o exorcismo inicial, uma vez que ele mostra que exorcizar faz parte do dia-a-dia da prática de Jesus desde o início. Por outro lado, não se pode excluir que a prática de Jesus tenha ressoado bastante cedo em Jerusalém, despertando a preocupação do sinédrio, que, preocupado com sua política de boa vizinhança com o Império Romano, tratava de evitar o surgimento de movimentos populares que pudessem atrair a atenção e a intervenção das legiões. Deste modo, torna-se viável a hipótese de que estes escribas não estejam aí por acaso. Poderia muito bem tratar-se de uma delegação oficial do sinédrio, enviada para investigar a prática de Jesus. Esses enviados logo se deram conta de que a atividade exorcista caracterizava profundamente toda a atividade de Jesus e trataram de justamente atacar a imagem e reputação de Jesus nesse aspecto. Os adversários identificam o programa de Jesus.

A resposta de Jesus

A resposta de Jesus constitui-se de uma série de argumentos aos quais os adversários não têm mais nada a opor e devem provavelmente retirar-se derrotados. Jesus mos-

tra com toda a clareza a contradição intrínseca presente na acusação. Um reino, uma casa, ou o próprio Satanás, se estiver dividido, não pode subsistir. Por isso mesmo Jesus não pode estar pactuando com Satanás, como os escribas querem fazer o povo crer.

O cerne da resposta de Jesus está no v. 27: “Mas, ninguém pode, tendo entrado na casa do forte, roubar(-lhe) os seus utensílios, se não amarrar primeiro o forte, e então roubará a casa dele”. Em geral os autores têm dificuldades com este dito, pois na fonte Q neste lugar se encontra o dito a respeito dos exorcistas judeus (Lc 11,19) e a afirmação positiva da chegada do Reino de Deus mediante os exorcismos de Jesus. Aqui em Marcos, porém, é central na resposta de Jesus e é pouco provável que tenha existido na fonte Q. Mt e Lc aqui dependem de Marcos. Por isso, a comparação sinótica apenas pode ajudar a perceber como os evangelistas maiores procederam no sentido de modificar este dito. Nas duas primeiras parábolas (reino e casa divididos/Satanás dividido), Jesus contesta a leitura dos escribas, mediante o argumento de que é impossível um sistema estar internamente dividido ou lutar contra seus próprios interesses. Não é Belzebu a chave para compreender ou decodificar a prática de Jesus. Agora, na parábola do forte, indica-se onde é preciso procurar a chave de compreensão ou decodificação, sem contudo nomeá-la.

Parábola ou alegoria? A maioria dos exegetas, porém, considera Mc 3,27 uma pequena parábola e nós queremos agregar-nos a esta opinião. É claro que não se trata de uma das assim chamadas parábolas do Reino, como as encontraremos em Mc 4,1-34. Marcos expressamente introduz a resposta de Jesus caracterizando-a como um discurso *em parábolas* (cf. 3,23b). Para Marcos é importante que toda a pregação de Jesus aconteça em parábolas (cf. 4,11.34). Como se trata de uma parábola, convém detectar o conteúdo central que nela é afirmado.

Esta parábola constitui o ponto alto da resposta de Jesus na versão de Marcos. A interpretação política desta “parábola” se torna, assim, o ponto crucial em toda a leitura sociopolítica da controvérsia de Belzebu. Os autores Ched Myers e Douglas E. Oakman fornecem-nos elementos precisos para esta leitura. Não iremos aqui contrapor um ao outro, pois ambos não se excluem, mas cada um traz dados complementares para a interpretação deste dito.

Ched Myers, em seu comentário, lembra que na parábola do forte os termos *skéuos* (vaso, utensílio, pertence) e *déo* (amarrar) são de importância fundamental. Ambos os termos ocorrem tanto em contexto religioso quanto profano. O vocábulo *skéue* serve para designar utensílios tanto do mundo profano quanto religioso. O termo vai reaparecer no exorcismo do templo com relação aos vasos sagrados do culto. O mesmo vale para o verbo *déo* que, além de 3,27, também aparece em outro contexto de exorcismo (5,3). Este verbo, porém, serve igualmente para descrever a prisão política de João Batista (6,7). Myers daí conclui que a parábola esclarece o que vem narrado em seguida (até o processo de Jesus) e vice-versa.

Myers conclui sua interpretação de 3,27 assim: Jesus (o mais forte anunciado por João em 1,8) quer implodir o reino do forte, isto é, a instituição escriba representada pelo demônio de 1,24. A prática de Jesus dirige-se, então, como já fora acenado em

3,23c-26, contra o sistema do templo. Nesta parábola o oráculo de Is 49,24s (LXX) revive: “Javé cumpre a promessa de libertar a ‘presa do forte’ e resgatar os cativos dos tiranos”. A hermenêutica imperial, sempre do lado da lei e da ordem, julgará esta interpretação da parábola do forte ofensiva e chocante. Marcos, porém, tira a imagem do arrombar e entrar da mais duradoura tradição escatológica cristã primitiva: o advento do Senhor como ladrão à noite (Mt 24,43 par.; 1Ts 5,2.4; 2Pd 3,10; Ap 3,3; 16,15).

A interpretação de Ched Myers, até onde ele a faz, é correta. O autor detecta com clareza que a linguagem usada na imagem do forte tem a ver tanto com a realidade religiosa, quanto com a profana. Por isso, uma interpretação sociopolítica é plenamente justificável.

A interpretação de Ched Myers pode ser complementada com a de Douglas E. Oakman, que defende a teoria de que existe um elo de ligação entre casas/reinos divididos e saque de bens (Mc 3,27 par.): estas passagens referem-se à forçada redistribuição daquilo que foi “coletado” em um lugar “central”. Flávio Josefo dá uma visão deste tipo de divisão e roubo ao tempo da morte de Herodes, a partir da ótica da classe dirigente. O mesmo historiador ainda noticia sobre a estratégia dos sicários.

Estudos comparativos sobre o banditismo mostram que a classe camponesa simpatizava com os “bandidos sociais”, como Eric Hobsbawm os denomina. Bandidos sociais não são ladrões comuns, pois tinham como alvo os ricos e privilegiados e patrocinavam os despossuídos.

Os líderes podiam ser de origem aristocrática, mas os seguidores eram na maioria camponeses. Outros camponeses ofereciam cobertura e suporte. Diante da desconfiança da classe dominante, a neutralidade era impossível (cf. Lc 11,23 = quem não está a meu favor...).

Além de Mc 3,27 par. há outros textos que se referem ao banditismo social. Um destes é Lc 11,24-26 (retorno dos sete espíritos piores). Esta passagem pode igualmente referir-se a estes bandidos oponentes ao regime estabelecido. Se um bandido era exorcizado (pela casa dirigente/dominante = o homem) o corpo exorcizado (agora = a classe dirigente) pode seguramente esperar sete espíritos piores que voltam. Enfim, este foi o padrão prevalecente nos primeiros anos da dominação do Império Romano na Palestina.

O dito sobre o forte (Mc 3,27 = Mt 12,29) pode referir-se a uma casa real, mas não necessariamente. Poderia tratar-se talvez somente de uma analogia *social*, para indicar uma casa aristocrática ou até a habitação de um camponês relativamente bem situado.

Conclusão

Na parábola do “forte”, Jesus fala de sua prática, de modo especial da prática exorcista. Esta prática é entendida como luta contra o reino de Satanás.

Para descrever esta luta, toma aqui no v. 27 uma imagem, uma comparação, da realidade sociopolítica daquela época, conhecida por todos: a luta ou as lutas de gru-

pos isolados, guiados por líderes messiânicos que atacam os camponeses fortes, bem situados dentro do sistema, forçando desta maneira uma certa redistribuição de bens. Esta comparação não deixa de ser ousada, uma vez que a população, como sempre acontece na história, tinha sentimentos ambivalentes em relação a estes grupos revolucionários e seus líderes.

A linguagem usada na comparação, principalmente o uso do verbo *déo* (amarrar) e do substantivo *skéuos* (vaso, utensílio, pertence), é altamente significativa para o nosso propósito de interpretação. Ambos os termos são usados tanto na linguagem religiosa quanto na profana. Está aí uma verdadeira intenção de conectar a imagem do “amarrar o forte” com a realidade sociopolítica. Tirada da prática do movimento popular, a imagem pode muito bem servir também para indicar o alvo da prática de Jesus: a implosão do sistema escriba, do templo.

Jesus encontra uma analogia entre sua missão e um aspecto da realidade sociopolítica. Estamos aqui diante de uma comparação, e, como tal, fica claro que Jesus também supõe que haja uma diferença entre a “sua” luta contra o “forte” e a dos rebeldes sociais. Tal como nas parábolas do Reino, também aqui Jesus fala a partir de uma imagem da vida concreta, para explicitar um aspecto do seu anúncio do Reino. Mas, não há uma equivalência total entre o exemplo utilizado e a perspectiva do Reino.

Em nosso texto não se diz onde está a diferença. Vamos encontrar a afirmação desta diferença em Lc 11,20, no dito sobre o dedo de Deus. Naquele dito, que Marcos não conheceu em sua tradição, Jesus diz que a diferença está em que com sua prática, por meio de suas ações simbólicas, reabilitando excluídos por meio de curas, milagres, exorcismos, está-se implementando algo bem maior do que uma ocasional vitória política: está acontecendo o Reino de Deus. Aqui, em nosso dito do v. 27, a comparação pressupõe isso.

Se em Mc 3,20-30 (especialmente no v. 27) se encontra todo o programa de Jesus, então se torna necessário reavaliar estes complicados versículos. Pensar que sobre esse texto nada de novo se poderia pensar e dizer consistiria um grande erro. Na era da globalização (e conseqüente exclusão) é decisivo tentar entender ao máximo possível a situação do tempo de Jesus, para assim poder de algum modo lançar uma luz sobre a situação atual do dia-a-dia da vida do povo. Se conseguimos identificar em Mc 3,20-30 o programa de Jesus, então também é preciso encontrar um novo jeito de interpretá-lo. Ao longo do evangelho de Marcos veremos o desdobramento deste programa de Jesus. Aqui apenas é possível indicar as respectivas passagens:

1,21-28: o possesso de Cafarnaum;

5,1-20: o endemoninhado geraseno;

7,24-30: a siro-fenícia;

9,14,27: o espírito mudo.

Além disso, a atividade exorcista é citada desde o início em 3 sumários (1,34; 1,39 e 3,11). Quando Mc faz um resumo do que Jesus está realizando, não deixa de ci-

tar esse aspecto. O tema ocorre ainda em outros textos de Mc (3,15; 6,7; 6,13; 16,17 e 9,38-41). Assim sendo, o tema *exorcismo* ou *expulsão de demônios* pervade todo o evangelho de Marcos. O programa de Jesus, segundo Mc, é *amarrar o forte* (Mc 3,27). Satanás representa tudo o que é anti-Reino e que precisa ser dominado, acorrentado e expulso da vida das pessoas. Então o Reino está acontecendo.

Jesus mediante sua prática reabilitava pessoas. O sinal de que o Reino estava acontecendo consistia na reinserção de excluídos na convivência comunitária. De modo especial isso é observável nos exorcismos, especialmente palpável isso se torna no possesso geraseno (Mc 5,1-20), que primeiro é descrito em seu lastimável estado e depois do exorcismo é descrito como alguém novamente em plena convivência social. A pergunta que caber fazer é: para, como igrejas, sermos fiéis à prática de Jesus, o que podemos ou devemos fazer para alcançar os mesmos objetivos de Jesus? Em plena era de globalização, com todos os seus aspectos positivos e diabólicos, a simples repetição de rituais de exorcismos dificilmente será a solução. Será preciso ir às origens do mal e, de caso para caso, buscar as melhores opções para combatê-lo.

Bibliografia

HORSLEY, Richard A. & HANSON, John S. *Bandidos, Profetas e Messias*. São Paulo: Paulus, 1995.

MYERS, Ched. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

OAKMAN, Douglas E. Rulers' houses, thieves and usurpers: The Beelzebul pericope. *Foundations and Facets FORUM*, Sonoma, v. 4, p. 109-23, 1988.

RABUSKE, Irineu J. *Jesus Exorcista: estudo exegético e hermenêutico de Mc 3,20-30*. São Paulo: Paulinas, 2001 [coleção Bíblia e Sociedade].

Irineu J. Rabuske
Rua Colômbia, 329 – Bairro Bom Fim
96830-110 Santa Cruz do Sul, RS
e-mail: rabuske@viavale.com.br